

A “história global”: abordagens comparatistas e cruzadas

Helenice Rodrigues da Silva *

Resumo: A construção de um espaço mundializado favorece a reflexão sobre a história do planeta na sua totalidade. Repensar os fenômenos de interdependência em escala mundial, em diferentes tempos, contribui a re-atualizar as dinâmicas da história. Essencialmente inter e pluridisciplinar, a “história global”, praticada há alguns anos nos EUA e na Europa, por pesquisadores do mundo inteiro, tem por ambição romper fronteiras territoriais e disciplinares.

Palavras-chave: história global; história cruzada; história comparada

Abstract: The construction of a globalized world favors a reflection about the history of the whole planet. Questioning the phenomenons of interdependency on a world scale, at different times, contributes to bringing up to date the dynamics of history. Interdisciplinary and pluridisciplinary in its essence, the practice of “global history” which has been carried out in the US and in Europe by researchers from the whole world is geared to breaking down territorial and disciplinary boundaries.

Key-words: global history; connected history; comparative history

Praticada nos Estados Unidos, sob a designação de “connected history”, desde meados dos anos 1980 e, mais recentemente na França sob a apelação de “história cruzada”, a “história global” tem buscado ultrapassar a pluralidade das histórias particulares e impor, nessa era da globalização, um novo campo de pesquisa histórica. Acentuando o estudo dos fenômenos das interações entre civilizações, nações, sociedades, a também chamada “world history” pretende colocar em perspectiva os fenômenos de migrações, de transferências, de intercâmbios nacionais e transnacionais, praticados em diferentes tempos históricos. Conseqüentemente, o estudo dessa interdependência dos fenômenos em escala mundial conduz o pesquisador a romper fronteiras disciplinares e a integrar à história a antropologia, a geografia, a economia, a ciência política, a sociologia.

A mundialização nos impõe hoje a tomada de consciência do passado comum da humanidade. Toda a ambição desse campo disciplinar da “história global” é de conectar, de colocar em perspectiva comparada, todas as histórias nacionais, até aqui rigidamente compartimentadas, para fazer emergir uma substância invisível, feita de interações, de migrações e de intercâmbios. (TESTOT, 2008:5)

* Universidade Federal do Paraná, Professora Associada no Departamento de História

Se a inter-relação mundial se detecta ao longo de toda a história do século XX (e do final do século anterior), o estudo dessas conexões culturais se afirma apenas após a fase da descolonização. Os primeiros trabalhos – os *subaltern studies*– iniciados pelos autores indo-britânicos, seguidos pelos *cultural studies* e pelos *postcolonial studies* tiveram por pretensão a desconstrução da história colonial e a crítica ao etnocentrismo europeu..

Diferentes correntes historiográficas inspiram essa nova área, entre elas, na Inglaterra e nos Estados Unidos: as chamadas “area studies” que incluem African, Asian, Latin American studies. Na França, a geo história, a “economia mundo”, a antropologia histórica, etc.¹ tendem a orientar esse novo domínio histórico.

Eminentemente multidisciplinar, a história global exige a abolição de fronteiras territoriais e disciplinares. Ora, a interdependência dos fenômenos em escala mundial conduz o historiador a expandir seu objeto de estudo, em geral centrado na história nacional, direcionando suas análises às circulações, transferências e trocas transnacionais. Sabemos que desde o início do processo de civilização, os intercâmbios materiais e imateriais, as transferências de populações e de saberes, as importações de idéias e de mercadorias moldaram os contatos e as relações entre os homens. Desse modo, a restituição das dinâmicas históricas encontra-se através de pesquisas de objetos, tais como: “comércio e conquistas... sobre as rotas da seda”, “as raízes medievais da expansão ocidental”, “impérios coloniais: a procura de um balanço global”, “a onda de choques das revoluções”, etc.²

Se essa nova abordagem inter e multidisciplinar, fundada numa rede de interações dinâmicas, se revela salutar e pertinente, sua operacionalidade, no entanto, merece ser questionada. Mesmo admitindo que as trocas e os intercâmbios, por via dos mercadores, dos exploradores, dos colonos, moldaram a totalidade do planeta, como aplicar a grade de interdependência dos fenômenos históricos à escala mundial? Ora, os estudos dessa área parecem ainda se limitar a abordagem de casos específicos.³

Objetos de estudo ou estudo de objetos?

Recentemente publicada na França, a coletânea “história global” - outro olhar sobre o mundo - questiona esse novo campo de pesquisa, enfocando suas perspectivas, sua metodologia e seus limites. Segundo seus autores, “trata-se de ultrapassar as limitações

¹ Cf. *Histoire Globale – un autre regard sur le monde*. Paris, Editions Sciences Humaines, 2008.

² *Ibid.*, p. 17.

³ Cf. *Histoire globale – un regard sur le monde*, op.cit. WERNER, Michael ; ZIMMERMANN, Bénédicte (sous la direction). *De la comparaison à l'histoire croisée*. Paris, Seuil – Le Genre humain, 2004.

territoriais a fim de desvendar todas as conexões, interações e circulações cuja dimensão estreitamente nacional da história tende a ocultá-las ou a subestimá-las”. (DOUKI; MINARD, 2008:161)

Evidentemente, os trabalhos que enfatizam o fenômeno de interdependência devem ser entendidos no contexto específico de sua produção. As primeiras pesquisas desenvolvidas nos EUA, nos anos 1960, inscrevem-se no contexto da guerra fria, sob a designação de “história atlântica”.⁴ Nos anos 1990, os estudos se voltam à história do mundo não ocidental. A partir de 11 de setembro de 2001, a “world history” é acusada de desenvolver o relativismo e de fornecer argumentos à tese de Samuel Huntington (“O choque das civilizações”). Praticada em maior escala nos departamentos de antropologia, mais abertos às culturas não ocidentais, e de ciências políticas, mais interessados nos efeitos da globalização, a “história global” busca ultrapassar o etnocentrismo da história nacional, orientando-se em direção do transnacional. Portanto, sua ambição consiste em romper barreiras disciplinares, englobando abordagens geográficas, econômicas, históricas, antropológicas, etc.

Pretendendo escrever uma história universal a partir de uma visão unicamente ocidental, seus autores reafirmam a necessidade de abandonar dois pontos de vista problemáticos. O primeiro diz respeito ao engano em considerar a globalização como um fenômeno dos tempos atuais; o segundo critica a tendência de se minimizar os efeitos das circulações dos homens, das mercadorias e das idéias através dos tempos. No entanto, nem todos os trabalhos de “história global”, segundo os autores dessa coletânea francesa, conseguem atingir suas ambições de uma globalidade histórica e abandonar as noções de “centro” e de “periferia”, por exemplo. Grande parte dos trabalhos ainda apresenta o caráter de “uma colagem de casos dispersos”, inscritos na longa duração. Ora, o perigo do reducionismo reside também no próprio objeto de estudo. Certamente a idealização da globalização do presente pode conduzir a erros de perspectivas históricas. Por exemplo, a idéia de que no passado as relações sociais e econômicas permaneciam incluídas no quadro dos Estados nações ou dos impérios deforma a concepção de uma “economia mundo”. Por outro lado, a coerência entre essas unidades anteriores corria o risco de desaparecer face à ascensão da globalização. Se os estudos nessa área têm por ambição o abandono de uma visão etnocêntrica da história, em contrapartida, eles são passíveis de idealizarem a problemática do mundo global a ponto de considerarem a situação presente como a última das etapas de um processo histórico. (DOUKI; MINARD: 2008, 164)

⁴ Cf. o estudo pioneiro de William H. McNeill, *The rise of the west. A history of the Human Community* (1963).

Além de objetos que conotam mobilidade (migrações, exílios), “transferência” (idéias, valores), circulação (mercadorias, comércio, trocas), interações (mestiçagem, hibridismo), outras temáticas clássicas (conquistas, impérios, expansões, descobertas, tráfico de escravos, revoluções, etc.), considerados sob o ângulo de cruzamentos múltiplos, de diferentes tipos e níveis, atestam, sem dúvida, uma dinâmica de circulações e de cruzamentos em âmbitos transnacionais.

As origens da globalização

Tradicionalmente considerado o ano crucial dos contatos entre as civilizações, 1492 (VINCENT, 2008: 47) se afirmou como um dos objetos empíricos mais trabalhados pelos antropólogos e historiadores nessa área de pesquisa. Eminentemente espanhóis, os acontecimentos desse ano - conquista de Granada pelos reis católicos, descoberta por Cristóvão Colombo das Caraíbas, eleição de um papa espanhol sob o nome de Alexandre VI... - marcam expansão, exílio, emigração, deslocamento, circulação de indivíduos e objetos. O ano de 1492 inaugura os encontros, os contatos, as interações entre diferentes civilizações planetárias. A conquista de Granada pelos reis católicos tem por consequência a imposição aos judeus ou de conversão ou de exílio. Partindo num primeiro momento em direção a Portugal, ao norte da África e à Itália, a comunidade judia será vítima de uma nova expulsão, cinco anos após, pelo Estado português. Os decretos de conversão obrigam os judeus a emigrarem novamente da península ibérica. Ora, essa simultaneidade histórica de “acontecimentos”, possibilitando uma abordagem cruzada (entre sociedades, culturas, civilizações), permite a elaboração de uma história do mundo que se substitui à multiplicidade de histórias locais.

A literatura sobre o encontro das diferenças, o contato do Mesmo com o Outro nesse ano de 1492 inaugura o mito do bom selvagem e da superioridade ocidental. A esse propósito, os estudos de Serge Gruzinski (arqueólogo, paleógrafo, historiador das culturas e civilizações da América espanhola) sobre conquistas, mestiçagens, colonizações a partir do século XV prefigura a história de uma mundialização que envolve “as quatro partes do mundo”.⁵

Situando a gênese da globalização nessa virada do século XV ao XVI, Gruzinski procura situar o fenômeno da globalização no contexto de dominação de uma civilização,

⁵ Cf. GRUZINSKI, Serge. *Les 4 parties du monde, l'histoire d'une mondialisation*. Paris, Les Editions de La Martinière, 2004.

notadamente pela via de colonização, “uma das dinâmicas essenciais da história” no sentido amplo do termo, segundo o mesmo.

*A globalização diz respeito, então, prioritariamente à ferramenta intelectual, aos códigos de comunicação e aos meios de expressão. Ela se distingue de uma ocidentalização que se apresenta mais como um empreendimento de dominação, de aculturação e de mestiçagem. A ocidentalização precede a globalização? Num primeiro tempo da conquista, sem nenhuma dúvida. Mas a exploração das terras da Monarquia católica revela que a ocidentalização e a globalização são forças concomitantes à obra no interior da mundialização ibérica, mesmo se cada uma delas se manifesta em dimensões diferentes e em escalas distintas.*⁶

Gruzinski denomina de “mobilização espanhola”, o circuito das comunicações, das circulações e dos intercâmbios que, aliás, não se fazem em sentido único, entre a metrópole e a colônia na América. Os rastros dessa “globalização” se revelam através de objetos cotidianos, de produtos da terra, de textos sagrados e profanos, da arquitetura e da importante emigração de colonos espanhóis (ao Novo Mundo) a qual se acrescentam os escravos vindos da África. A mistura dessa população – a mestiçagem – desempenha um papel fundamental nessa colonização. O mestiço encontra-se, pelo menos, entre dois mundos ou culturas. “Não se aprende uma língua para se comunicar e se fazer compreender ou redigir sermões. O conhecimento das línguas locais permite também penetrar mundos desconhecidos penetrados pelos europeus”. (GRUZINSKI, 2004: 219)

Nesse estudo (*Les quatre parties du monde. Histoire d'une mondialisation*), Gruzinski retrata uma história das conexões entre civilizações, tentando conciliar a abordagem da história cruzada e o estudo das transferências entre zonas culturais⁷.

Se do ponto de vista heurístico e metodológico, a história global atualiza os dinamismos essenciais da história – a colonização, por exemplo –, revelando as conexões entre as culturas e as civilizações, em contrapartida, essa escala de observação pode dar a impressão de favorecer os ganhos desse empreendimento e, por via de consequência, de minorar suas perdas,

O comparatismo e o cruzamento nas abordagens históricas

Tradicionalmente utilizado na sociologia e na antropologia, o método comparatista passou a ser adotado nos estudos históricos, sobretudo, europeus, desde os anos 1990.

⁶ Tradução nossa. *Ibid*, p. 374.

⁷ Alguns autores anglo-saxões utilizam a expressão “shared history”, ou seja, história partilhada.

Comparar o comparável e o incomparável⁸ significa a redução da soma das histórias nacionais e o abandono das fronteiras territoriais e culturais. Questões transversais, trabalhadas por esses dois métodos, constituem os pilares da história global (praticada pelos anglo-saxões desde os anos 1980). Por sua vez, a história sociocultural, a partir dos anos 1980, mostrou a necessidade da utilização de novas escalas de análise. Ora, a expansão da União Européia, incluindo os países do leste, favoreceu igualmente a necessidade de uma história paralela.

Praticados indistintamente nos estudos de interações e de circulações, os dois métodos (comparatismo e cruzamento), no entanto, apresentam sensíveis diferenças. Se comparar significa elucidar convergências e divergências, estabelecendo paralelos, o método comparatista tende a acentuar uma identidade nacional, de onde provém o pesquisador, apreendendo grupos sociais ao invés dos processos de aculturação e de transferências culturais. Acentuando, sobretudo, as diferenças e em menor escala as convergências, o enfoque comparatista parece imobilizar as identidades culturais nacionais, restringindo o conhecimento das formações culturais, historicamente constituídas⁹. Em outras palavras, a comparação tende a privilegiar a sincronia, enquanto que o cruzamento se situa numa perspectiva diacrônica, pressupondo um processo que se desenrola no tempo. Para a apreensão das redes de interações culturais, intrínsecas à análise das mobilidades de indivíduos e de idéias, o método do cruzamento (também chamado “histoire culturelle” na França e “connected history” nos EUA) parece ser mais operacional.

Uma vez que ele tende a petrificar cada via nacional, o método comparatista torna-se vítima de um ponto de vista de uma identidade (a origem e a língua do pesquisador), pois restringe a análise a duas entidades, enquanto que o método do cruzamento revela-se mais apropriado à apreensão do hibridismo, das mestiçagens e das transferências.

Assim, no estudo sobre os exílios chilenos e brasileiros dos intelectuais na França nos anos 1970, utilizamos a “história cruzada”, procedimento que nos pareceu melhor se adequar à complexidade dos processos interativos. Tendo em vista a interpenetração dos modelos culturais franceses no Brasil e no Chile, a “impressão” (marca) intelectual francesa sobre os intelectuais exilados, a referência ideológica comum (a cultura política da esquerda na França), o exílio dos intelectuais brasileiros no Chile, durante a unidade popular (1970/1973),

⁸ Cf. Marcel Detienne. *Comparer l'incomparable*. Paris, Seuil, 2000.

⁹ Cf. ESPAGNE, Michel. *Transfert. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII-XIX siècles)*. Paris, Recherches sur les Civilisations, 1988.

a inserção desses últimos na vida intelectual chilena e, por fim, a partida para o exílio na França de ambos.

Em razão dos limites e das insuficiências do método comparativo para o estudo da história cultural (e dos intelectuais), o conceito de “transferência cultural” (que é também um método) permite suprir as insuficiências.

“Transferências culturais”

Conotando, ao mesmo tempo, “fluxo econômico, mobilidades de população e um dos momentos da cura psicanalítica”, o termo transferências passou a designar pesquisas das ciências humanas nas áreas de intercâmbios culturais. Forjado em meados dos anos 1980 por Michel Espagne e Michael Werner para o estudo das relações literárias e intelectuais entre a França e a Alemanha a partir do século XVIII, o conceito de “transferências culturais” serviu para designar os empréstimos culturais (de idéias, de discursos, de valores, de objetos, etc). Visto sua grande operacionalidade para o estudo de diferentes domínios: história cultural, sistemas religiosos, instituições políticas e jurídicas, história intelectual e política, estudos literários, o método das “transferências culturais” tem sido aplicado nas diversas áreas na história (história antiga, medieval, moderna, contemporânea).

Esse conceito interdisciplinar baseia-se na idéia de empréstimo, de importação, de mestiçagem, de hibridismo, de re-apropriação, de tradução, de transformação, entre sociedades e culturas, implicando em uma concepção de movimento e de circulação de objetos, populações, indivíduos, idéias, crenças entre dois ou mais espaços culturais (estados, nações, grupos étnicos, áreas culturais, religiosas). As “transferências culturais” reforçam a idéia de deslocamento, de circulação e de mobilidade de pessoas, idéias, objetos e valores. Trabalhado, recentemente, pela história antiga (o mundo helenístico e romano, principalmente), esse conceito evidencia noções de aculturação, helenismo, romanização, etc. Nesses estudos, os objetos analisados podem ser os livros, as peças de arte, os sistemas de pensamento. Tenta-se entender os mecanismos de aculturação, mas também as rejeições às culturas, as práticas culturais, o fenômeno das recepções e das traduções. Como ele não se baseia em um simples comparatismo (que muitas vezes imobiliza as identidades culturais), o método de análise evoluiu, tendendo a privilegiar as idéias de cruzamento (as “histórias cruzadas”) e as questões transversais (ora, sabemos que uma cultura sofre múltiplas influências).

Segundo Michel Espagne, é fundamental para o estudo das “transferências culturais”, a dimensão intercultural dos conceitos que ela analisa, ou seja, as próprias transferências, que são também fenômenos de criação e de deslocamento semântico. Nesses últimos anos, novos campos de investigação se abriram para o estudo das transferências culturais, por exemplo, a história antropológica sobre a mestiçagem como pensamento da alteridade e da relação do outro. Na realidade, essas pesquisas são indissociáveis da relação da dominação histórica que a Europa estabeleceu com outras culturas. (Laurier Turgeon, Denys Delage. *Transferts culturels et métissages Amérique/Europe, XVI – XX siècle*, Paris, Presse de l’Université de Laval, 1996).

A noção de transferências culturais pressupõe o processo de relação entre dois sistemas autônomos e assimétricos. Segundo seus autores, existem vários modelos (disciplinares, metodológicos) para a análise da passagem de uma cultura à outra: inicialmente, a análise da conjuntura e a utilização da hermenêutica. Se a história política, cultural e intelectual permite detectar os contextos, por sua vez, o conhecimento da língua e da tradução permite levar em conta o processo de migrações e de recepção cultural. “Trata-se, por um lado, de interpretar um objeto estranho, de integrá-lo a um novo sistema de referências” que, muitas vezes (...) deve ser, inicialmente, traduzido.

Sabemos que nesse processo de tradução, ou seja, de re-apropriação, ocorrem transformações, deformações. Assim, quando um livro, uma teoria, uma tendência estética, ultrapassam as fronteiras entre espaços culturais distintos, sua significação, ligada ao contexto (intelectual e histórico), inevitavelmente, se modifica. Logo, os objetos de estudo são os mais distintos possíveis: os processos de seleção, de mediação, de recepção, de mestiçagem, de tradução, de migração, de intercâmbio, etc.

Referências bibliográficas

DETIENNE, Marcel. *Comparer l’incomparable*, Paris, Seuil, 2000.

ESPAGNE, Michel. *Transferts. Les relations interculturelles dans l’espace franco-allemand* (XVIII-XIX siècles), Paris, Recherches sur les Civilisations, 1988.

_____. *Les transferts culturels franco-allemands*, Paris, PUF, 1999.

GRUZINSKI, Serge. *Virando séculos – 1480-1520: as origens da globalização* (trad.). São Paulo, Cia das Letras, 1999.

_____. *Les 4 parties du monde, l’histoire d’une mondialisation*. Paris, Les Editions de La Martinière, 2004

RODRIGUES DA SILVA, Helenice, «Os exílios dos intelectuais brasileiros e chilenos na França durante as ditaduras militares»; In: *Nuevo Mundo*, Paris, 2007, nuevomundo.revues.org/index5882.html.

TESTOT, Laurent (org.). *Histoire globale – un nouveau regard sur le monde*. Paris, Éditions Sciences Humaines, 2008.

WERNER, Michael ; ZIMMERMANN, Bénédicte (sous la direction). *De la comparaison à l'histoire croisée*. Paris, Seuil – Le genre humain, 2004.